

Pilares da tradição

o conceito de tradição no estudo da História das instituições

Por Artur Silva Alexandrino¹

Resumo

Este texto é resultante da minha dissertação que investiga a produção de um discurso de tradição sobre o Colégio Dom Feliciano, situado no município de Gravataí/RS, através das narrativas de professores e alunos envolvidos no processo de formação docente entre os anos de 1970 a 1990. A pesquisa fundamenta-se nos preceitos da História Cultural e utiliza a História Oral como metodologia. O conceito de tradição, elaborado por Hobsbawm e Ranger, é primordial no processo de análise, com base nele busco elementos que auxiliam na identificação e na compreensão do discurso de tradição que envolve o colégio ao longo do período estudado. Buscando investigar os objetivos propostos configuram-se duas categorias analíticas: a identificação e a análise dos elementos que constituem e fundamentam a *tradição da instituição escolar* e a *formação de professores*.

Palavras-chave: História das Instituições. Formação de Professores. Representação. Tradição e Práticas Pedagógicas.

Abstract

This text is the result of my dissertation investigating the production of a tradition of discourse on the College Dom Feliciano, in the municipality of Gravataí / RS, through the narratives of teachers and students involved in the teacher education process between the years 1970 to 1990. The research is based on the precepts of Cultural History and uses oral history as a methodology. The concept of tradition, prepared by Hobsbawm and Ranger, is paramount in the process of analysis, based on it seek elements that assist in the identification and understanding of the tradition of discourse surrounding the school during the study period. Order to investigate the goals shape up two analytical categories: the identification and analysis of the elements that constitute and underlie the tradition of the school and teacher training.

Keywords: History of institutions. Teacher training. Representation. Tradition and teaching practices.

¹ Graduado em História – Unilasalle. Mestre em Educação - Unisinos

Pilares da Tradição

Visando contextualizar e historicizar um determinado objeto de pesquisa, torna-se necessária uma reflexão sobre os processos históricos dos acontecimentos. Refletir sobre os elementos que os direcionam, condicionam e influenciam os pensamentos e as ações dos indivíduos, e seus reflexos nas sociedades envolvidas. Portanto, consiste nas leituras das realidades múltiplas e na possibilidade de entendimento de seus processos históricos.

O conhecimento histórico permite uma maior compreensão e embasamento sobre os diferentes contextos ou fenômenos, tal como a compreensão e análise das problemáticas presentes em diferentes pesquisas. As pesquisas em educação correspondem a múltiplas abordagens, levando em consideração que as práticas educativas são bastante complexas, devido, entre muitos aspectos, os sujeitos/agentes envolvidos nessas ações.

O campo da História da Educação se fortalece a cada problematização ou reflexão sobre os contextos históricos que sustentam os pensamentos e as práticas educativas. Desse modo, busca aprofundar os estudos e compreender processos essenciais e circundantes das temáticas pesquisadas, permitindo (re)significar e potencializar recursos do espaço escolar, tornando-os verdadeiramente “artefatos” preciosos de pesquisa e análise (FERNANDES, 2004, p. 13)

No contexto da História das Instituições Escolares estão as pesquisas e reflexões sobre a invenção da tradição histórica presentes nas representações, nas memórias e na história das instituições de ensino, sendo assim, recursos valiosos para análise. Esses aspectos representam um vasto repertório de relações possíveis de serem estudadas, além de constituírem um mapeamento das instituições e práticas educacionais.

Partindo dessa concepção, podemos articular diálogos teóricos e conceituais relacionados às ciências da História e da Educação, visando realizar análises interpretativas das relações entre as histórias institucionais e a formação docente, através das memórias dos sujeitos que estudaram ou trabalharam na instituição.

A concepção de História não se estrutura na ideia da “uma história” linear que descreve os acontecimentos sequencialmente e desconectadamente dos demais aspectos sociais. Pensar a História, nesse contexto, consiste em refletir o processo histórico na corrente da *Nova História*¹

atua no campo das diferenças culturais, de prática e de valores existentes nas sociedades, além das representações dos sujeitos sobre si e/ou sobre a sociedade.

As complexidades e contextos compreendidos e analisados pela História Cultural estão presentes nas investigações de Justino Magalhães. As profundidades dos estudos de Magalhães, através de suas problematizações conceituais permitem ao pesquisador “explorar” outros caminhos de investigação, e também potencializam as possibilidades de análise com muitos conceitos significativos. Em destaque o conceito de instituição:

[...] ideia de permanência e de sistematicidade, a ideia de norma e de normatividade. [...] ideia de instituição consagra uma combinatória de finalidades, regras e normas, estruturas sociais organizadas, realidade sociológica envolvente e fundadora, relação intra e extrassistêmica; é, por consequência, uma ideia mais ampla e mais flexível do que a de sistema. (MAGALHÃES, 1994, p. 57 - 58).

A história da instituição, tendo como documento as memórias dos professores e alunos e como discurso centrado na invenção de uma tradição que enfatiza a qualidade do curso formativo docente no Colégio Dom Feliciano.

Nesse intuito, a partir das narrativas analiso as representações sobre essa formação, no propósito de entender a memória como um documento capaz de recriar forma e sentido nos processos de formação dos alunos do Colégio Dom Feliciano (NASCIMENTO; HETKOWSKI, 2007) e capaz de produzir um discurso que ao longo do tempo constroem a tradição do Colégio Dom Feliciano e elaborar a construção do passado por meio de suas memórias.

Os escolhidos são sujeitos representantes de todos os segmentos envolvidos historicamente nesses processos educativos, tais como supervisores, professores e alunos, definido o número de quatro entrevistadas, todas ex-alunas. Duas delas exerceram cargos de professora e orientação/supervisão na instituição e em especial no curso de formação. Esse número, aparentemente pequeno, contempla as necessidades da pesquisa por representar a diversidade de sujeito do universo educativo da instituição escolar.

As narrativas individuais são carregadas de representações e constituem um imaginário coletivo que, sustentado ao longo da história, consolida uma tradição. Com os registros dessas memórias, busca-se compreender os elementos que compõem os fenômenos do passado, no processo de reconstruir uma história partindo desses regis-

¹ Termologia adotada que representa a Escola dos Annales, porém destaca a ruptura na análise historiográfica. A Nova História provocava repensar de uma história cronológica, centrada em análises políticas ou econômicas, para uma historiografia de acontecimentos de longa duração, fundamentada na cultura, nas mentalidades.

tros, respeitando, porém, a complexidade do uso deles como campo documental (GRAZZIOTIN e ALMEIDA, 2012). Portanto, torna-se necessário o registro oral pela técnica de entrevistas, nesse projeto chamado de narrativas² cujo objetivo é reconstruir o histórico das instituições e as práticas educacionais.

Nos referenciais teóricos, o conceito de Tradição pode estabelecer diálogos com a ideia da invenção da tradição institucional existente no Colégio Dom Feliciano e percebidas nos discursos e nas representações tomadas a partir das narrativas dos sujeitos entrevistados.

Inserida em uma concepção histórica, Hobsbawn e Ranger (1997) destaca que as invenções das tradições indicam sintomas importantes e devem ser analisados em seus contextos, estabelecendo relações mais amplas na sociedade, segundo os autores [...] a invenção de tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas imposição da repetição. (HOBBSAWN, RANGER. 1997 p. 12).

Segundo os autores, as tradições inventadas, pós-revolução industrial, podem ser percebidas em três categorias superpostas: a) as que se estabelecem ou simbolizam as coesões sociais ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais; b) as que se estabelecem ou legitimam instituições, status ou relações de autoridade; c) aquelas cujo propósito principal é a socialização, a inclusão de ideias, sistemas de valores e padrões de comportamento. Esses elementos indicados por Hobsbawn potencializam as análises das tradições existentes no Colégio Dom Feliciano.

As tradições inventadas incluem tanto as “[...] realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo” (HOBBSAWM, 1997, p. 9). As tradições solidificam-se diante das práticas de natureza ritual ou simbólica, que se identificam pela escolha e constituição de certos valores e normas de repetição e comportamento, remetendo a um conhecimento apropriado e materializado em permanência e uma continuidade, diferenciando-se dos costumes.

O pesquisador Popkewitz (1994) aborda uma concepção de tradição que busca aproximar o conceito de tradição do campo de estudos da educação ou de práticas escolares que a constroem:

² A terminologia narrativa representa a concepção teórica pertencente à História Oral, enquanto a palavra entrevista representa a técnica, o procedimento adotado na realização do projeto de pesquisa.

A tradição histórica de que falo nesse ensaio, em contraste, é uma tradição que focaliza a forma como as ideias estão corporificadas na organização do conhecimento escolar. Este estudo da história tem sido, de forma variada, chamado de semântico, genealógico, conceitual ou de epistemologia social. [...] que se centra nos padrões discursivos através dos quais o processo de escolarização é construído. (POPKEWITZ, 1994, p. 183)

A tradição inventada se constitui em diferentes discursos existentes na instituição. Correspondem à tradição do colégio junto à comunidade, como sendo uma escola privada para a formação das elites locais, vinculada a uma congregação religiosa. Assim como, no discurso da qualidade, presentes nas práticas educativas que resulta na produção de professores competentes.

A instituição formadora pesquisada se configura como um colégio renomado na comunidade de Gravataí. Esse renome se constituiu ao longo das décadas e se manifesta, por vezes, no discurso de qualidade de ensino, tanto quando, na composição do seu corpo docente. O discurso a respeito da qualidade de ensino representa uma marca da instituição chegando a todos os níveis escolares, como também no curso de formação dos professores.

Os objetivos propostos para minha dissertação se apresentam em duas categorias analíticas, sendo elas: a identificação e a análise dos elementos que constituem e fundamentam a *tradição da instituição escolar* e a *formação de professores* que subsidiam o discurso de qualidade presentes no curso de formação. Os dois focos de análises foram referenciais para a elaboração e organização do roteiro das entrevistas. Assim busquei evidenciar, nas memórias dos sujeitos entrevistados, aspectos referentes às suas experiências de formação no Colégio Dom Feliciano, assim como sobre a tradição do colégio.

As entrevistas constituem, portanto elemento significativo no que se refere ao aporte empírico dessa pesquisa. Assim, após as realizações das mesmas e concluídas as transcrições iniciei, paralelamente a esse processo, as primeiras análises do material produzido. Dessa primeira verificação do material organizei as narrativas em subcategorias que representam desdobramentos das categorias e auxiliaram na compreensão delas.

Quadro 1 – Tradição: categoria e subcategorias de análise

Categorias	Subcategorias
Tradição	Tradição da Profissão Docente
	Tradição do Colégio Dom Feliciano
	Prédio da instituição como uma tradição

Fonte: Elaborado pelo autor

Na diversidade de contextos referentes a essa categoria, apresenta a amplitude do tema da tradição nos estudos referentes as histórias das instituições escolares, pois estão presentes nas narrativas, indagações que buscam provocar, rememorar, elementos que auxiliam na identificação e na compreensão da tradição que o Colégio Dom Feliciano possui na sociedade de Gravataí.

Tradição: reflexos sobre a temática

As discussões referentes ao elemento da pesquisa que relacionam as representações sobre a importância que o Colégio Dom Feliciano possui na formação de professores na comunidade trás o conceito de tradição elaborado por Hobsbawm e Ranger (1997). Tal conceito auxilia na compreensão do processo histórico que atribui ao colégio o lugar de “Escola de qualidade” educacional em Gravataí.

Primeiramente podemos pensar sobre sua relação com o passado, entendendo-se a tradição como tendo sua origem e fundamentação em acontecimentos passados. Também podemos entendê-la como algo carregado de significados, normas ou valores, como se atravessassem gerações e gerações trazendo consigo lições ou ensinamentos.

A concepção da tradição como elo entre diferentes gerações, faz entender que seria algo que perdura no tempo. A noção temporal referente à tradição nos remete não simplesmente ao passado, mas sim a um passado distante, ou seja, um período de longa duração.

Porém isso pode não ser de todo correto, pois segundo Hobsbawm(1997, p.9) “Muitas vezes, “tradições” que parecem ou são consideradas antigas são bastante re-

centes, quando não são inventadas”. Essa citação evidencia outros olhares sobre a tradição, permite observar a alteração da noção de temporalidade existente nas tradições, demonstra que elas podem ser bastante recentes. Também apresenta a concepção de que as tradições podem ser inventadas, construídas historicamente com uma pretensa intencionalidade.

O conceito da Invenção da Tradição, elaborado por Hobsbawm e Ranger (1997) tem uma concepção histórica e relaciona-se aos processos de formalizações sociais e culturais que possuem embasamento em aspectos do passado, fundamentando e consolidando assim tal tradição. Hobsbawm conceitua a invenção da tradição da seguinte forma:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. (HOBBSAWN, 1997, p.9).

Entendo que esse conceito da tradição inventada se aplica a tradição institucional existente no Colégio Dom Feliciano, auxiliando no entendimento das formas como essa tradição do colégio se estabelece. Afinal, ainda conforme Hobsbawm “É obvio que nem todas essas tradições perduram; nosso objetivo primordial, porém, não é estudar suas chances de sobrevivência, mas sim o modo como elas surgiram e se estabeleceram” (HOBBSAWN, 1997, p.9).

A experiência profissional que tive no município de Gravataí acabou por me inserir na sociedade local e me aproximou do Colégio Dom Feliciano. Dessa maneira, percebi que tal instituição era abordada de forma diferenciada, o que sempre me despertou inquietação e diretamente passou a incorporar nos objetivos da pesquisa, além de parecer reflexo de uma tradição institucionalizada.

Em seus estudos, Hobsbawm (1997), problematiza que as invenções das tradições sempre existiram nas sociedades humanas, porém após o período da revolução industrial foram desenvolvidas e instituídas novas redes de convenções e rotinas com mais frequência, devido às profundas transformações nesse período histórico.

No final do século XIX e no início do século XX, Hobsbawm identifica duas formas de criação de tradições, ambas resultantes das transformações sociais do período. A invenção oficial, denominadas de “políticas” oriundas pelos governos ou movimentos sociais e políticos organizados; e as não-oficiais, denominadas de “sociais” e geradas por grupos sociais sem organização formal.

As memórias são fartas em elementos que contribuem na compreensão da tradição do colégio na comunidade e do curso de formação, permitindo assim, estabelecer relações com as três categorias da invenção da tradição criadas por Hobsbawm.

Diante das categorizações, as tradições podem ser entendidas como similares aos costumes, entretanto o autor destaca aspectos que as distingue: “O objetivo e a característica das “tradições”, inclusive das inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como repetição.” (HOBBSAWM, 1997, p.10). Indica que a diferenciação mais evidente está representada na invariabilidade e/ou na variável.

Os costumes, nas sociedades tradicionais, possuem dupla função, de promover e dar direção, conforme as analogias que o autor utiliza para explicitar suas ideias, como sendo o motor e o volante. Segundo ele, os costumes: “não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente.” (HOBBSAWM, 1997, p. 10).

A contribuição teórica de Hobsbawm e Ranger sobre o conceito de tradição permitem perceber e identificar essas “pistas teóricas” nas narrativas, visando a analisar o material empírico na categoria da tradição institucional.

Elementos da tradição na profissão docente

A profissão docente nas últimas décadas vem sofrendo profundas transformações, resultante de uma série de fatores. Entre esses podemos elencar: a expansão do número de aluno e suas diferentes referências sociais e culturais, as exigências das políticas educacionais internas e externas, os desafios metodológicos diante da sociedade tecnológica, das cobranças da sociedade por uma educação de qualidade, entre outras tantas possíveis de serem abordadas (GATTI, 2011, p. 161).

Os aspectos apresentados anteriormente representam uma temporalidade atual, porém se pensarmos nessas transformações como sendo situações opostas, em um tempo no passado teremos outros resultados, compondo assim, um cenário “às avessas”, onde os professores possuíam responsabilidades e uma valorização diferentes da atualidade.

Os fatores que determinam a decisão de ser professor, atualmente e no passado, se assemelham em alguns

aspectos, entre eles, a ideia de que a profissão docente representa um emprego seguro (GATTI, 2011, p. 164).

Essa ideia está vinculada ao entendimento da importância da docência, ou seja, alimentado pela sociedade e também por uma “consciência” profissional; o professor entende seu trabalho como o ato de garantir a transmissão e a continuidade da experiência humana.

A consciência profissional, comentada anteriormente, pode ser entendida a partir das memórias da professora Fátima Bernardes, quando descreve o perfil dos alunos do curso de magistério:

“São alunos que já vêm com uma bagagem de preocupação de atendimento ao outro [...] eu não sei se posso dizer doação, ele tem uma preocupação com o outro, ele tem um lado que ele vai fazer a diferença na sociedade. Esse aluno sempre tem esse diferencial” (Fátima Bernardes, 19 de agosto de 2014).

As memórias da professora revelaram que essa preocupação com os outros indivíduos e/ou na crença de fazer a diferença na sociedade é uma característica própria do curso de formação profissional docente. Quando questionada se os demais cursos profissionalizantes da instituição apresentavam essa característica, revelou: *“Não, não, não, não, o aluno do curso profissionalizante ele vem só pra ser o profissional ali”* (Fátima Bernardes, 19 de agosto de 2014). Portanto, está presente na profissão docente esse compromisso com a sociedade, na qual a ação do professor é atribuída à responsabilidade do desenvolvimento individual e social, sendo assim, destaco esse elemento como preponderante a tradição da profissão.

Entendo essa responsabilidade ou compromisso social como resultado de discursos sobre a profissionalização do professor, formando, assim, uma tradição na profissão docente. Estabelecem para os professores, que se sentem responsáveis ou crentes de que seu trabalho seja fundamental para a sociedade, um sistema de valores e/ou um padrão de comportamento, segundo as categorizações de Hobsbawm sobre a invenção da tradição.

A construção dessa consciência profissional se constitui de diferentes formas nas narrativas produzidas para a pesquisa. As referências familiares e/ou pessoais, incluindo o ambiente que costumam frequentar, são elementos que influenciaram na escolha da profissão. Em meus estudos busco abordar a tradição docente com a indagação sobre as razões de escolher essa profissão, ou seja, quais as motivações por optar fazer o Curso Normal.

A narrativa da entrevistada Ana Cristina, quando indagada sobre as razões de escolher o Curso Normal, demonstra a influência de diferentes grupos sociais: o grupo de amigos, pois tinha quatro amigas/colegas da sua 8ª série

que iriam estudar esse curso no Dom Feliciano; também a influência de seu grupo familiar. Seu pai busca em referências na tradição docente da família a justificativa para essa formação profissional: “[...] *vai fazer magistério, vai ser professora como tua mãe, tua tia*” (Ana Cristina, 22 de setembro de 2014).

A entrevistada Fátima Bernardes relatou as influências de seu grupo familiar e do ambiente, pois residia em uma casa no pátio de uma escola estadual em que estudava. Sua mãe trabalhava nessa escola estadual como servente. Portanto, seu cotidiano escolar era sua experiência diária e ia afirmando “*eu queria ser professora*” (Fátima Bernardes, 19 de agosto de 2014).

As memórias da professora Hilda Jaqueline expõem que seu desejo inicial não era ser professora, pois ela já havia ingressado no Curso de Análises Químicas e posteriormente passara para o magistério. A transição ocorre por uma questão de necessidade, mas ao longo do curso acabou se identificando com o curso e se interessando pela profissão. Essa identificação se dá pelo seu envolvimento com as questões da escola, pelas complexidades das relações no espaço educativo, elementos significativos que compuseram o interesse e aproximação com as ciências humanas, pois ela se tornou uma pesquisadora.

A entrevistada Jurema Weber cursou magistério e foi trabalhar fora da área educacional. Exerceu diferentes funções em muitas empresas, uma diversidade de experiências, relata que sentia-se deslocada até que decidiu ser professora, conforme indica seu relato:

“[...] mas não era isso que eu queria pra mim, eu levantei olhei pra tudo aquilo e não voltei mais, voltei 3 dias depois, não era que eu queria mesmo, mas não sei te dizer o processo, uma coisa muito estranha. Como fechei uma porta e não voltei mais que eu decidi o que queria de ir pra sala de aula, queria trabalhar na educação, acreditava que a ia dar minha contribuição.” (Jurema Weber, 03 de setembro de 2014).

Analisando as narrativas dos sujeitos da pesquisa apresentadas na sua formação profissional, ou seja, suas motivações pela definição desse curso permitem compreender elementos da invenção da tradição e as representações da função docente. Compreender a invenção da tradição com as lentes teóricas de Hobsbawm, primeiramente na composição da tradição da profissão docente, construindo sistemas de valores e/ou padrão de comportamento exerce influências nos grupos sociais.

As coesões sociais da professora Ana Cristina, o familiar e o escolar, exerceram influências na sua escolha pelo curso de magistério. Porém, destaco que o referencial de docência dela eram suas professoras da sua 8ª série,

“por que eu queria ser professora que nem a professora Beth” (Ana Cristina, 22 de setembro de 2014).

As referências estabelecidas constituíram suas representações da ação docente, algo que não era sentido em seu curso de formação, pois não ela não conseguia estabelecer relação da representação idealizada da ação docente com a sua prática estudantil. Podemos perceber essa não relação no seguinte relato *“nós estávamos querendo nos espelhar nos professores”* (Ana Cristina, 22 de setembro de 2014).

A tradição da profissão docente era um dos elementos que fomentava o desejo e o gosto pela docência. No relato, a seguir, o desejo e o gosto profissional apresentam oscilações ao longo do processo de formação.

“[...] o curso de magistério ele foi tudo na minha vida, aos 17, 18 anos, ele foi um caos, quando eu terminei ele foi a minha luz, eu me realizei dando aula, eu me sentia feliz sendo professora.” (Ana Cristina, 22 de setembro de 2014).

As investigações históricas buscam compreender o passado, entender os processos que fundamentam ou desestruturam as sociedades, acarretando assim nas transformações culturais. Na “passarela” do passado e do presente, segundo a narrativa da professora Fátima Bernardes, apresenta-se um forte abalo na tradição da profissão docente nas últimas décadas.

“Não sei se é a descrença que tá do professor, que é uma tristeza isso, mas é, né. Eu vejo às vezes as alunas chegam aqui. A minha mãe não quer eu faça, mas eu queria fazer. Tá mas, qual é a profissão da tua mãe. A minha mãe é professora. Então é complicado isso assim, a descrença. Acho que o professor tem um momento na vida que ele se perdeu e ele não tá conseguindo resgatar a importância que ele tem na sociedade, ele perdeu isso em um certo momento e não tá mais conseguindo resgatar, e eu não sei o que vai acontecer com isso, é uma preocupação que a gente tem com isso.” (Fátima Bernardes, 19 de agosto de 2014).

A compreensão das causas da descrença na tradição da profissão não corresponde aos objetivos de meu estudo, porém destaco esse relato da entrevistada com a finalidade de demonstrar como se apresentam as representações da profissão, configurações sociais e conceituais próprias que se transformam ao longo do tempo (CHARTIER, 1990). A transformação na tradição da profissão docente reflete uma alteração dos discursos produzidos.

Bernadete Gatti (2011) indica em seus estudos uma relação de elementos que caracterizam a profissão de professor na contemporaneidade. Entendo os elementos indi-

cados pela autora como discursos que provocam a descrença nessa tradição.

[...] hoje a profissão docente vem sofrendo profundas transformações [...] Entre esses [...] o crescimento do número de alunos e sua heterogeneidade sociocultural [...] o impacto de novas formas metodológicas de tratar o conhecimento e o ensino, e, de outro, a ausência de priorização político-econômica concreta da educação primária e secundária e as estruturas hierárquicas e burocráticas [...] No entrechoque dinâmico dessas condições situa-se o trabalho cotidiano dos professores em sala de aula, com a bagagem que sua formação básica ou continuada lhe propiciou (GATTI, 2011, p. 161)

As motivações que originaram a mudança do discurso que sustenta a tradição profissional docente carecem de mais pesquisas no campo da educação e não representam os objetivos dessa pesquisa.

A Tradição do Colégio Dom Feliciano

Início a discussão e análise referente à tradição do Colégio Dom Feliciano passa pelas representações das entrevistadas sobre o prédio da instituição. Os sujeitos de memória relatam classificações que configuram suas representações, referentes ao prédio do colégio na qual realizaram sua formação profissional. Essas representações colaboram para compreender a tradição da escola, segundo o conceito de Hobsbawm, pois elas são resultantes de socializações e coesões sociais que legitimam a instituição e seu *status* de autoridade.

Abordando os elementos históricos da construção do prédio escolar estabeleço relações entre a história do município de Gravataí e do Colégio Dom Feliciano. Com isso, identifiquei aspectos pertinentes para compreendermos a tradição que o colégio possui na comunidade.

O prédio do Colégio Dom Feliciano, por estar localizado nessa região central da cidade, torna-se um importante elemento no projeto urbanístico, com a ampliação do colégio na construção do prédio destinado ao Ginásio, em 1939.

As reformulações realizadas no antigo prédio e nova edificação ficaram unidas por uma passarela ou viaduto que passa sobre a Avenida José Loureiro da Silva, conforme mostra a FOTO 1.

FOTO 1 - Fotografia da passarela do Colégio Dom Feliciano a partir da Praça



Fonte: Registrada pelo autor em 19/11/2013

As obras e reformulações realizadas no colégio indicam o desenvolvimento da instituição em conjunto com o projeto urbanístico na parte central da cidade. A posição geográfica ocupada pelo estabelecimento pode ser analisada como a consolidação de um espaço simbólico e/ou espaço de poder, passando a representar um monumento. A escola está localizada em um espaço “nobre” da cidade, posicionado na praça central, nas proximidades do banco, da igreja e da prefeitura, ou seja, espaços que legitimam a instituição em seu status ou relação de autoridade (HOBBSWAM, 1997).

A passarela sobre a avenida que conecta os prédios da instituição constitui determinada representação sobre a importância que o Colégio Dom Feliciano possui no município; seu lugar na educação da cidade corrobora com esse lugar de tradição ou até com o elemento que compõe a invenção de uma tradição.

As narrativas indicam importantes relatos que destacam o Prédio/Passarela³, as tramas da produção discursiva que constituem a representação da tradição institucional na comunidade. Assim como podemos considerá-los como elementos característicos da invenção da tradição que legi-

³ O Prédio como a passarela são abordados conjuntamente por exercerem o mesmo sentido em relação ao elemento que compõem a invenção da tradição.

tima a instituição e sua posição de *status*. O relato de Hilda Jaqueline indica claramente essa monumentalidade que consolida esse simbolismo da tradição.

“[...] o fato da gente saber que ali. Quando a gente vê aquele. Eu cresci vendo aquela aquele prédio imponente que só pela, né pelo tamanho, que dizer, eu sabia que aquela escola não era uma escola, uma escola qualquer. O próprio prédio, a própria a arquitetura dele, né traz essa, esse simbolismo de uma escola diferente.”
(Hilda Jaqueline, 19 de agosto de 2014).

Existem diferentes formas de uma sociedade produzir tradição, através de modelos e referências. Essa produção está vinculada às práticas, aos rituais ou aos símbolos inventados sobre determinadas pessoas, instituições ou sociedades. O relato da professora Fátima Bernardes demonstra um interesse pessoal e dos novos alunos da instituição em cruzar a passarela *“[...] eu vinha sempre aqui olhar, que eu iria vir pra cá passar essa passarela [...] Chega aluno novo tem que passar na passarela.”* (Fátima Bernardes, 19 de agosto de 2014), representando assim, o simbolismo do ritual de iniciação na instituição.

Os aspectos discutidos até agora indicam à construção de diferentes representações que materializam e/ou fundamentam a invenção de uma tradição. A maioria dos materiais informativos produzidos que fazem referência ao município, reserva uma parte para descrever o Colégio Dom Feliciano; e esses informativos trazem consigo a ilustração do colégio que tem como destaque a passarela.

Nesse sentido, com relação ao Colégio Dom Feliciano, um dos indicadores analisados são folhetins de informações do município, os anúncios dos jornais e demais ilustrações sobre o colégio, nos quais aparece a passarela; de maneira que já se tornou parte da iconografia da cidade. “A passarela” é reconhecida, identificada e relacionada não somente com o colégio, mas também da cidade de Gravataí.

Realizando pesquisas no espaço do colégio, na consulta aos materiais disponibilizados na biblioteca da escola, encontrei o exemplar de um jornal da cidade de Gravataí relatando sobre o desfile comemorativo aos 75 anos da Instituição. No relato jornalístico uma ex-aluna do ano de 1998, Bárbara Ribeiro, descreve a existência dessa tradição através da temporalidade e estabelece relação com a passarela entre os prédios: *“são muitas as gerações que passaram por baixo daquela passarela”*⁴.

O prédio/passarela produziam representações sobre o colégio. Configuravam importantes elementos da invenção da tradição que buscavam institucionalizar o Colégio

⁴ Dom Feliciano enfeita a Avenida. Correio de Gravataí, Gravataí, p. 5, 24 out. 2006

Dom Feliciano. A tradição consolidada de um colégio de qualidade que apresentava ser “*diferente*” já na sua arquitetura imponente produz, também, representações sob a forma de trabalho disciplinar realizado na instituição.

“Bom primeiro que eu achava que aquilo era enorme, preciso te dizer que as portas eram grandes, as janelas eram grandes [...] Aquele viaduto que tem lá, eu achava, eu achava horrível, sabe o que eu imaginava que aquilo era um convento, só não achava que era uma prisão por que não tinha grade [...] Então aquele prédio ostentava assim rigidez, poder.” (Ana Cristina, 22 de setembro de 2014).

No relato da professora são expostas suas representações sobre a fachada arquitetônica do prédio escolar e refletem algumas características do tipo de formação⁵ existente no Colégio Dom Feliciano. Representações de um tipo de formação disciplinadora e rígida, podendo ser comparada a outras instituições reguladoras e/ou repressoras, como um convento ou um presídio.

Outros relatos indicam essa rigidez e poder, como das janelas pintadas que impossibilitava os alunos em olhar para as áreas externas. Tais ações assinalam práticas de disciplinarização dos corpos, no qual o autor Michel Foucault, contribui para entender essas práticas que tornam os corpos dóceis.

[...] o controle disciplinar não consiste simplesmente em ensinar ou impor uma série de gestos definidos; impõe a melhor relação entre um gesto e a atitude global do corpo, que é sua condição de eficácia e de rapidez. No bom emprego do corpo, que permite um bom emprego do tempo, nada deve ficar ocioso ou inútil: tudo deve ser chamado a formar o suporte do ato requerido. Um corpo bem disciplinado forma o contexto de realização do mínimo gesto. (FOUCAULT, 1987)

A arquitetura do prédio implica em representações de poder e disciplina, sendo esses aspectos percebidos externamente, para a comunidade local. Porém, tais aspectos atribuídos a fachada do prédio, também são refletidos nas práticas de formação da instituição e contribuem para a invenção da tradição, quando consolida a autoridade da instituição e padrões de comportamento (HOBSBWAM, 1997).

As narrativas dos sujeitos da pesquisa subsidiam e permitem identificar elementos que constituem a invenção da tradição institucional. As representações sobre o Colégio

⁵ O tipo de formação é uma das subcategorias analisadas na dissertação. A discussão referente a esse tema está inserida a categoria práticas pedagógicas que busca entender o processo de formação do Curso Normal do Colégio Dom Feliciano.

Dom surgiram naturalmente nas narrativas, já nos primeiros relatos, inclusive sobre a escolha do Dom Feliciano como espaço de formação e sobre os reflexos dessa tradição, onde essa concepção se manifesta.

“Isso até hoje ainda é, por que eu tenho outro trabalho. Eu tenho uma empresa de assessoria pedagógica, e quando as pessoas descobrem que sou do Dom Feliciano até pareço que sou de outro planeta, ainda em alguns lugares, parece incrível isso [...] é uma coisa muito interessante, ainda hoje. A gente tem uma marca muito forte assim. Então tu imagina eu tinha que vir para cá de qualquer jeito.” (Fátima Bernardes, 19 agosto de 2014).

A professora Fátima Bernardes relata que o colégio *“tem uma marca muito forte”*, indícios de consolidação da tradição institucional produzida pelos discursos de qualidade educacional. A representação dessa marca forte já estava presente no momento que a professora Fátima escolhe fazer o Curso Normal no Dom Feliciano, tanto que ela relata *“que tinha que vir para cá”*, ou seja, estudar no Dom Feliciano sempre representou uma vontade.

Essa vontade se constituiu nas relações sociais próximas, das colegas e de uma professora, que incentivavam-na a ingressar na docência. Além da questão do prédio/passarela, exposta em sua narrativa *“Ahhh, eu vinha sempre aqui olhar, que eu iria vir pra cá passar essa passarela aqui”* (Fátima Bernardes, 19 agosto de 2014) que auxilio na justificativa dessa vontade de estudar no colégio e construção de suas representações sobre a instituição.

As memórias da professora Hilda Jaqueline sobre a escolha pelo curso profissionalizante do Dom Feliciano foram:

“A escolha foi por que o Dom Feliciano sempre foi uma referência como escola, era uma escola já com nome, formador de várias pessoas da própria elite de Gravataí, era uma escola particular, então ela tinha, existia todo um mito uma construção em torno da escola Dom Feliciano como uma referência, como uma escola onde a exigência era maior, onde os conteúdos eram mais densos.” (Hilda Jaqueline, 19 agosto de 2014)

Logo que surgiam relatos que indicavam a existência dessa tradição, eu questionava os entrevistados sobre as razões para atribuírem ao colégio essa característica. As repostas trouxeram importantes indicativos para entender a invenção dessa tradição.

Destaco o relato da professora Ana Cristina quando questionada sobre as origens ou causas dessa tradição institucional: *“O nome, o nome da instituição, a história da*

instituição, do tempo que ela tá aí e também o fato de ela ter produzido a maior parte dos professores que atuam nas redes municipais e estaduais do ensino básico vieram dali” (Ana Cristina, 22 de setembro de 2014).

Diante dessas representações torna-se importante ressaltar as características significativas do colégio, primeiramente uma instituição privada e vinculada a uma congregação religiosa. Características que já indicam fortes elementos que legitimam a invenção da tradição de que estamos tratando. O fato de a instituição ser privada reflete uma concepção de que o colégio era destinado às camadas mais abastadas da sociedade local e das regiões mais próximas. As representações se constituem e colocam o colégio como um espaço de *status* econômico e social, fato que se evidencia nas narrativas que indicam uma valorização dos sobrenomes das famílias mais tradicionais.

O colégio representava para as camadas médias e, principalmente, às mais baixas um espaço de ascensão social, sendo assim esse segmento da sociedade passa a buscar acesso a instituição para assim procurar uma formação profissional qualificada. Para abordar essa questão utilizo uma das subcategorias itinerantes, aspectos socioculturais.

Os sujeitos da pesquisa são oriundos de camadas mais populares, compondo um público diferente do que habitualmente era matriculado no Colégio Dom Feliciano. O acesso de alunos bolsistas possibilitava a existência de realidades sociais distintas, onde eles compartilhavam espaços e experiências, fato que se evidenciava com as turmas heterogêneas, formadas com alunos bolsistas e mensais na mesma turma. Os relatos evidenciavam que os alunos mensais eram membros da elite econômica da cidade.

Existiam relatos que demonstravam dificuldades financeiras dos responsáveis pelos alunos bolsistas em realizar o pagamento do colégio. Entendo que esses relatos permitem pensar as estratégias criadas por esse sujeito para garantir a continuidade dos estudos e da formação profissional, fato que demonstra a crença e a valorização do curso, da profissão e do estudo nessa instituição.

Os documentos e as narrativas determinam, aproximadamente o ano de 1974, como o período em que se inicia a prática de disponibilizar bolsas ou auxílios financeiros aos estudantes. Os relatos de Jurema Weber, estudante da instituição na temporalidade de 1972 a 1974, indicam que não havia os incentivos financeiros; porém o relato de Fátima Bernardes, que estudou na instituição no período de 1974 a 1977, afirma que solicitou e conseguiu uma bolsa, pois somente com esse auxílio poderia estudar na instituição “[...] imagina só uma família pobre tu vir estudar no Dom Feliciano” (Fátima Bernardes, 19 de agosto de 2014).

A narrativa da professora Ana Cristina, que apresenta os esforços da família diante das dificuldades de manter a aluna no curso, e o relato de Fátima Bernardes, acima, demonstram diferentes tradições, como a tradição da profissão, a tradição da instituição. Observando esses relatos, com ênfase na formação de professores, Bernarde Gatti, afirma:

Pertencem fundamentalmente a grupos que tentam a ascensão social pela instrução, e, sendo mulheres, é profissão privilegiada para seu ingresso no âmbito público, no universo social do trabalho fora do lar. O exercício do magistério, tanto para aquelas de origem social nas camadas médias quanto para os demais, é pois uma via de saída da vida privada, e, para as oriundas das camadas de mais baixas rendas, é também meio de sobrevivência e afirmação social em profissão não manual (GATTI, 2011, p. 163).

A inserção das camadas populares na instituição permitiu as relações dessas com as camadas mais abastadas, tornando o corpo discente mais heterogêneo o que gerou conflitos e segregações socioculturais. As narrativas descrevem a Tradição Familiar da sociedade de Gravataí como elemento de segregação presente na rotina escolar *“Porque todo mundo lá se chamava pelo sobrenome e nós éramos sempre pelo primeiro nome.”* (Ana Cristina, 22 de setembro de 2014).

A incorporação de outras camadas socioculturais provoca uma ruptura nessa tradição “das elites”. Chamar os alunos pelo sobrenome garantia a manutenção dessa tradição elitista, mas gerava as diferenciações na forma de tratamento que na verdade representava uma distinção com bases econômicas e sociais.

A tradição da instituição também pode ser compreendida pelos elementos da tradição das famílias expostas pela valorização dos sobrenomes, por ser considerada uma instituição que forma as elites locais.

Nas narrativas está presente a relevância social que o colégio possui junto à comunidade, pois estudar no Dom Feliciano representava uma ascensão social. A escolha pela instituição carregava essa representação de *status* e de poder. A entrevistada Fátima Bernardes relata quando questionada porque optou em estudar na instituição e descreve: *“Estudar no Dom Feliciano te dava muito Status [...] e até hoje. Estudar e ser professora do Dom Feliciano te abre portas em tudo que é lugar.”* (Fátima Bernardes, 19 de agosto de 2014). A professora Jurema Weber reafirma essa questão de *status*: *“Mas era status, Deus o livre era fundamental ter no teu currículo que tu foi aluno do Dom Feliciano.”* (Jurema Weber, 03 de setembro de 2014).

As tradições se consolidam através de práticas, e assim ocorre com a tradição da profissão docente. Essa tradição é passada na própria formação do professor, principalmente se essa formação estiver vinculada ao Curso Normal. Essa tradição conferia certo destaque e importância na formação dos docentes.

A tradição institucional do colégio na cidade possui como aspecto de legitimação, a ideia de qualidade do seu corpo docente. O entendimento era que a melhor escola da cidade exigia os melhores profissionais de ensino. O relato de Jurema Weber deixa esses aspectos bem explícito:

“Os melhores professores da cidade eram do Dom Feliciano [...] Status, status. Meu Deus quem estudasse no Dom Feliciano. Era, não deixava de ser poder também. Porque estudar no Dom Feliciano era a melhor escola da cidade, era escola particular era onde estava os melhores a nata dos professores era no Dom Feliciano.”
(Jurema Weber, 03 de setembro de 2014)

O *status* representa uma determinada posição social da instituição na sociedade de Gravataí. Esse *status* se constituiu com o tempo através das famílias de renome escolhendo o colégio para a formação dos seus filhos *“Eu acho que tinha qualidade, mas era uma relação de poder, era uma relação de poder, mas tinha qualidade”* (Jurema Weber, 03 de setembro de 2014). O relato de Jurema Weber indica a tradição familiar e a tradição institucional se representaria como poder, também sustentada pela qualidade de ensino do colégio.

A tradição institucional, consolidada conjuntamente com a tradição da profissão docente, se refletia na forma de tratamento dos professores na comunidade local *“[...] e quando as pessoas descobrem que sou do Dom Feliciano até pareço que sou de outro planeta”* (Fátima Bernardes, 19 de agosto de 2014). Os relatos abaixo representam essa forma de tratamento.

“Eu me lembro que fui abrir crediário numa loja não precisei mostrar nem contra cheque, [...] professor do Dom Feliciano não vai deixar de pagar as contas [...] foi a professora do Dom Feliciano então pronto ninguém discutia, ela tá certa podia ter feito a maior besteira, já era assunto encerrado [...] Tinha status sem dúvida que tinha” (Jurema Weber, 03 de setembro de 2014)

A tradição institucional e religiosa se referenciava em modelos de condutas expressados pela disciplina. Tanto para a formalização da conduta ideal quanto à questão dos conteúdos se faz necessária a estratégia da disciplina como um importante recurso. A tradição de uma escola de qualidade no ensino passa por essas estratégias. A sistematização da disciplina exige a hierarquização, exercida no

Colégio Dom Feliciano pelas irmãs, assim aos professores cabia admitir as ordens sem problematizar.

O aspecto religioso representa importante referência de observação e análise, pois os valores religiosos são fortemente sentidos nos registros institucionais, na filosofia do colégio, na formação humana cristã e em ações cotidianas e práticas⁶.

Os mecanismos de controle disciplinador estavam representados de diferentes formas na instituição, como o funcionário responsável pelo monitoramento interno e de acesso à instituição. O modelo de controle criava reações de sufocamento e repressão nos estudantes, ao ponto de comparar a disciplina aplicada no colégio a um quartel: *“Eles não gostam, chamam de quartel, eles brigam, mas eles voltam”* (Fátima Bernardes, 19 de agosto de 2014). Existem outros relatos nesse sentido, mas abordando a instituição comparada a uma prisão: *“Quando tinha educação física que o Pimenta⁷ nos fazia correr na quadra da escola [...] nossa nos adorávamos, todo mundo corria, porque era o momento que tinha pra sair daquele lugar”* (Ana Cristina, 22 de setembro de 2014).

O relato da professora indica o respeito à hierarquia da instituição, particularmente, pela hierarquização da irmã Ottilia Ziles, diretora do colégio⁸ no período de 1973 a 1998. As representações nas narrativas, principalmente da Jurema Weber, apontam o perfil da Irmã Ottilia como sendo autoritária, disciplinadora e crente de suas convicções. Os longos períodos de sua gestão, seguindo as características relatadas referente à irmã contribuem significativamente para consolidar uma tradição. Segundo Hobsbawm (1997) configuram relações de autoridade, sistemas de valores e padrões de comportamentos.

Considerações finais

Os sujeitos de memórias “migraram na passarela do tempo”, pois suas narrativas retratam suas diferentes tem-

⁶ Os registros institucionais sempre reforçam os preceitos e valores religiosos. A Congregação criou um Setor de Educação que funcionava conjuntamente com uma divisão desse setor voltado para os aspectos religiosos na esfera educacional.

⁷ O Professor de Educação Física da instituição, citado em outras entrevistas também.

⁸ Na temporalidade dos meus estudos, a instituição teve duas direções, a Irmã Teresinha Zavaschi, entre o período de 1968 a 1973 e a Irmã Ottilia Ziles, no período de 1973 a 1998.

poralidades na instituição, sendo que em alguns momentos rememoram seu tempo como alunos e em outros momentos como professoras. Assim é o caso das professoras Fátima Bernardes e Jurema Weber, que relataram memórias no período em que eram alunas e como profissionais da instituição.

Em meio à essa temporalidade da pesquisa, busco explicitar as diferentes manifestações da tradição existente no Colégio Dom Feliciano. A proposta desse trabalho é socializar esse conceito, elaborado por Hobsbawm e Ranger, sobre a invenção da tradição para potencializar os estudos referentes a história das instituições de ensino.

Referências Bibliográficas

CHARTIEU, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel. 1990.

FERNANDES, Rogério. Apresentação. In: MAGALHÃES, Justino Pereira de. *Tecendo nexos: história das instituições educativas*. Braga: Editora universitária São Francisco, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288 p.

_____. *A Ordem do Discurso*. Aula inaugural no College de France. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola: 1996.

GATTI, Bernadete Angelina. Os professores e suas identidades: o desvelamento da heterogeneidade. In: GATTI, Bernadete Angelina / organização Walter E. Garcia; *Textos selecionados de Bernadete A. Gatti*. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. (Coleção Perfis da Educação; 4).

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos, ALMEIDA, Dóris Bittencourt (Org.). *Romagem do tempo e recantos da memória: reflexões metodológicas sobre História Oral*. São Leopoldo: Oikos, 2012.

HOBBSBAWM, Eric J., Introdução: A invenção das tradições. In: HOBBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). *A invenção das tradições*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. (Coleção Pensamento Crítico).

MAGALHÃES, Justino Pereira de. *Tecendo nexos: história das instituições educativas*. Braga: Editora universitária São Francisco, 2004.

POPKEWITZ, Thomas S. História do currículo, regulação social e poder. In. SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994 – (Ciência sociais da educação).

NASCIMENTO, Antônio Dias; HETKOWSKI, Tânia Maria (Org.) *Memória e formação de professores* - Salvador: EDUFBA, 2007. 310 p.